

Usos dialetais, estereótipos e preconceito linguístico na telenovela “Flor do Caribe”

Fabiana Pelinson¹
Anderson Lopes da Silva²
Regiane Regina Ribeiro³

Resumo:

Este artigo objetiva apresentar uma análise dos personagens Cassiano e Candinho da telenovela “Flor do Caribe” (2013), a partir dos usos dialetais, dos estereótipos e do preconceito linguístico perceptíveis em sua trama. São utilizados o circuito da cultura e o quadrilátero melodramático, como aportes teóricos secundários, para explicar a telenovela e seu percurso na cultura e consumo e a relação entre os personagens dentro desta narrativa. No artigo é feita uma leitura metodológica a partir da análise linguística da mensagem televisiva. Como consideração final reforça-se a ideia de que o estereótipo é um mecanismo de atalho à diversidade cultural e que se sustenta apenas no nível discursivo.

Palavras-chave: Telenovela, Estereótipo, Preconceito linguístico, Cultura.

Abstract: This article presents an analysis of the characters Cassiano and Candinho of Brazilian telenovela “Flor do Caribe” (2013) from dialectal, stereotyping uses and perceived linguistic prejudice in its plot. It is used the circuit of culture and melodramatic quad as secondary theoretical framework to explain the soap opera and its course in culture and consumption and relationship between narrative’s characters. As a conclusion, reinforces the idea that the stereotype is a shortcut mechanism to cultural diversity, which sustains only on the discursive level.

Keywords: Telenovela, Stereotype, Linguistic prejudice, Culture.

Recebido em: 16/03/2014

Aceito em: 21/05/2014

1 Mestranda em Comunicação (PPGCOM/UFPR) e Membro do grupo de pesquisa Mídia, Linguagem e Educação. Jornalista (UFSM). Bolsista da Capes.

2 Mestrando em Comunicação (PPGCOM/UFPR) e Membro do NEFICS (Núcleo de Estudos em Ficção Seriada) da UFPR. Especialista em Comunicação, Cultura e Arte (PUCPR) e Jornalista (FACNOPAR). Bolsista da Capes.

3 Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Docente permanente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM/UFPR).

Introdução

O preconceito linguístico, segundo refere Marcos Bagno (2006) é um fato social arraigado no comportamento de muitas pessoas. Esse comportamento é muitas vezes inconsciente e ideologicamente assimilado nas relações sociais classistas de uma determinada sociedade. O inusitado dos usos linguísticos considerados “errados” ou inferiores é que muitas vezes observamos na mídia, justamente o apelo aos sotaques e dialetos como forma de divulgação de produtos ou eventos de toda a natureza.

O uso das falas ou de vozes dialetais na mídia levanta questões, no mínimo curiosas e intrigantes, quando se tem consciência de que existe um tipo de expressão linguística considerada de prestígio na sociedade em detrimento de outras expressões linguísticas, consideradas desprestigiadas, ou socialmente inferiores.

No entanto, nas diversas comunidades do Brasil são inúmeras as oportunidades em que encontramos a exploração midiática com toques da linguagem regional. A partir disso, a questão que queremos refletir é a seguinte: como as falas dialetais são apresentadas pelos personagens na telenovela “Flor do Caribe”? Em que medida esse mesmo uso midiático das falas dialetais e sotaque contribui para a construção ou desconstrução de estereótipos e do preconceito linguístico? A análise debruça-se sobre dois personagens: Cassiano e Candinho, além, claro, de sua relação dentro da trama. Uma relação calcada na assimetria quando o assunto é a concepção de linguagem usada para construir o *ethos* destes personagens.

Concepções de língua e linguagem

A Sociolinguística Variacionista é uma área da Linguística que estuda a língua em seu real contexto de uso e tem como objeto a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal. A heterogeneidade da língua, segundo essa perspectiva, é consequência natural de fatores linguísticos e sociais que se coadunam nas situações de uso: a língua é considerada uma instituição social, de modo que não deve ser vista como uma estrutura autônoma, que independe do contexto e da situação na qual se realiza (MATOS; SANTOS, 2010).

Para essa concepção social de língua, é importante ressaltar os sentimentos dos falantes em relação à sua língua e às outras variações, e como o falante vê o outro a partir da variedade que este utiliza. Segundo Jesus (2006), o conjunto de atitudes linguísticas é responsável por estereótipos e preconceitos que se produzem com relação às línguas e aos seus falantes. Dessa forma, a língua representa um conjunto estruturado das nossas vivências. A língua e a sociedade se inter-relacionam de maneira tão incisiva que uma não existe sem a outra. Desse modo, a língua é um fenômeno de natureza social, mas que tem implicações psicológicas, fisiológicas, etc. (BAGNO, 2006).

Em constante mudança, a língua deve ser encarada como um objeto vivo: ela é dinâmica, e segundo Bagno (2006, p.117), “está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição, em permanente transformação”.

O Brasil é um país plurilíngue, além do português, nosso território possui aproximadamente 180 dialetos. Este alto grau de diversidade e de variabilidade fundamenta-se na grande extensão territorial do país e nas injustiças sociais aqui encontradas. Essas injustiças agem de modo que os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro se distanciam ainda mais dos falantes da (suposta) norma culta (BAGNO, 2006). Cada uma dessas 180 línguas se manifesta de uma forma linguística dotada de uma gramática, que nada mais é que um conjunto de regras de organização da linguagem humana. A língua estabelece contatos sociais e desempenha o papel de transmitir informações sobre o falante, e enquanto sistema faz parte da evolução da sociedade, influenciando nessas variações.

A linguagem não é só um instrumento de transmissão, é também uma forma de ação e interação, conforme sugere Koch (2004). Segundo essa perspectiva, a linguagem é uma atividade interindividual, teleológica, ou seja, a linguagem é, necessariamente, uma forma de ação intersubjetiva e intencional.

As variações linguísticas e a norma culta

Toda língua é um conjunto de variedades, conforme referem Faraco e Tezza (2004). Decorre da tradição escolar, acreditarmos que a língua é um fenômeno homogêneo e fixo. Aprendemos desde as séries iniciais a separar as ocorrências linguísticas em dois grupos: o “certo”, identificado com as formas gramaticais escolares, e o “errado”, que é tudo aquilo que falamos e ouvimos durante o dia todo.

As variedades internas da língua podem ser divididas em quatro tipos básicos: a) Diferenças sintáticas; b) Diferenças morfológicas; c) Diferenças lexicais; e d) Diferenças fonéticas. Existem também as variedades externas da língua, como a região do falante, o nível social do falante, sua escolaridade e sua relação com a escrita, a situação da fala, entre outras. As diversas variações linguísticas existentes conversam entre si, e mantêm uma relação de valor umas com as outras. Algumas dessas variedades são consideradas boas (variedade padrão) e outras más. Motivos sociais e históricos determinam esse preconceito com algumas variações e a “supervalorização” da língua padrão (BAGNO, 2006).

A língua padrão, na sua origem, é a língua do poder político, econômico e social. Associada à escrita e à gramática tradicional é concebida como única maneira “correta” de falar. Já as variedades linguísticas de menor prestígio são consideradas “inferiores” ou “erradas”. Segundo Bagno (2006), a sociedade acostumou-se a atribuir a um local ou a um grupo de falantes o “melhor” ou o “pior” português, fazendo com o

que o círculo vicioso do preconceito linguístico não tenha fim. A variação é essencial à linguagem humana, não existem dois falantes que tenham a mesma linguagem, pois, eles não possuem a mesma experiência linguística.

Usos dialetais e o sotaque: as variações linguísticas nos meios de comunicação

Os dialetos constituem uma variação de vocabulário e gramática que pertencem a uma determinada língua. Essa variação linguística não varia só de região para região, de maneira que dentro de uma mesma região encontramos variações etárias, sociais, estilísticas, etc. Como toda variação pressupõe uma hierarquia, os dialetos mais prestigiados são das classes mais elevadas, a elite, que deixam de ser dialeto para serem concebidos como “língua”. A discriminação do dialeto das classes populares é baseada na ideia de que por não dominar a norma padrão e usar seus próprios métodos para a realização da linguagem, esses indivíduos “corrompem” a língua (BAGNO, 2006).

Alguns dialetos são usados com diferentes sotaques regionais, gerando assim uma confusão entre o que é sotaque, e o que é dialeto. Como explica Monteiro (2000), o sotaque refere-se às diferenças de pronúncia, variedade que é foneticamente e/ou fonologicamente distinta de outras variedades. E o dialeto se refere a variedades que são gramaticalmente distintas de outras variedades. Os sotaques, então, não podem ser confundidos com dialeto, pois o que caracteriza o sotaque é apenas a diferença de pronúncia dos falantes.

A mídia é formadora de opiniões, e ditadora de modelos a serem seguidos. Portanto, os conteúdos veiculados podem vir a resultar em uma estereotipagem de massa. Assim, conforme Steinberg (1972), o mundo que vemos na televisão, por exemplo, é aquele filtrado e ressignificado pelos meios de comunicação. Há uma interação entre as crenças e valores dos indivíduos com os conteúdos e estrutura dos programas televisivos, como as novelas.

Embora os sujeitos reconheçam o caráter ficcional das telenovelas, ainda assim, acabam se envolvendo com a narrativa de modo que sofrem alterações de humor em função de acontecimentos em telenovelas e discutem atitudes de personagens ficcionais como se fossem seus amigos no mundo real. Deste modo, Tesche (2000) reforça a influência da telenovela na vida cotidiana das pessoas. “A telenovela trabalha o imaginário do espectador somando aos seus anseios, necessidades, preocupações e desejos de uma outra realidade também cotidiana [...] como espaço de construção de empatia em que ele vê, mas também é visto.” E completa: “Nesse sentido, a telenovela é uma construção interativa, dialógica. É essa constante exigência de um comportamento ativo de ver e de ver-se que prende o telespectador e o torna fiel a essa forma mais longa de narrativa” (TESCHE, 2000, p. 51).

No que diz respeito às questões dos usos da linguagem, os meios de comunicação têm admitido as mais diversas variações linguísticas, incorporando registros

linguísticos informais e de diferentes segmentos sociais. O fenômeno fica evidente na fala de apresentadores que constroem um estilo para que o telespectador/ouvinte se identifique. Também nas novelas, que buscam dar verossimilhança às personagens fazendo-as aparentar naturalidade.

Em contrapartida, alguns veículos da mídia ainda mantêm a defesa de um português considerado puro, correto, baseado nas gramáticas tradicionais, mostrando preconceito particularmente com as variedades regionais e/ou populares. Dessa forma, apesar de fazer uso de formas coloquiais em algumas situações específicas, continua reforçando o caráter ideológico normativista e a existência de um português “correto” e “incorreto”. Isto é, a mídia e a imprensa brasileira ainda fazem parte do obscurantismo científico que envolve tudo o que diz respeito à língua e ao ensino da língua.

O que é preconceito linguístico?

Enraizado em nossa sociedade, o preconceito constitui uma agressão que se exerce contra a própria capacidade de racionalizar. Embora apresente características sociais, o preconceito também é mediado por necessidades psíquicas. Trata-se, portanto, de um fenômeno gerado na relação entre sujeito e sociedade, que precisa ser compreendido a partir do diálogo entre as dimensões psicológica e social, constituintes dos processos de humanização e socialização. Assim, o preconceito é entendido como resultado deste processo, e, portanto, sofre alterações com o passar do tempo, em função das diferenças culturais e dos condicionantes históricos.

O preconceito diz mais respeito às necessidades do preconceituoso do que às características de seus objetos. Freud (1975 *apud* CROCHÍK, 1996) demonstra que o medo frente ao diferente é menos produto do que não conhecemos, do que daquilo que não queremos e não podemos reconhecer em nós, através dos outros. Em outros termos, o preconceito é concebido como apropriação distorcida da realidade, através da qual projeta-se em outro indivíduo, grupo ou sociedade, características não aceitas em si mesmo.

Produto da cultura, um estereótipo é formado por um conjunto de predicados fixos atribuídos pela sociedade a um determinado grupo. A função do estereótipo é de tentar tornar natural a crença de que existem graus de valor aos papéis desempenhados na sociedade. Isto é, o estereótipo torna natural uma realidade criada pela cultura (CROCHÍK, 1996).

O preconceito linguístico sustenta-se na confusão entre língua e gramática normativa – o mesmo ocorre com o estereótipo que se sustenta apenas no nível discursivo e não resiste à primeira tentativa de comprovação empírica dessas criações pré-concebidas. Essa confusão vem sendo reforçada durante muitos anos em nossa sociedade, tendo como pilares de sustentação a escola e os meios de comunicação. O preconceito linguístico é entendido, portanto, como uma atitude em que o indivíduo

faz um pré-julgamento da forma de uso da língua de outro indivíduo. Nessa conduta ocorre o preconceito, uma vez que o sujeito se considera linguisticamente superior.

Conforme Bagno (2006, p. 75) “os preconceitos linguísticos impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo”. Em outros termos, a língua influencia de maneira determinante na vida dos sujeitos, e a forma como falamos e escrevemos diz muito sobre quem somos, de onde viemos. Isto é, há uma inter-relação entre o linguístico e o social. Assim, considerar a fala do próximo como um erro não implica apenas em questões linguísticas, mas também em questões sociais.

Assim, para Schneider (2009), a estigmatização linguística ocorre através de dois processos: um reproduz o estigma linguístico social que está relacionado à condição social do falante e o outro sustenta o estigma gramatical escolar resultante da ação normativa da escola que tende a condenar formas particulares de uso e corresponde a uma marca linguística negativa.

Em suma, o preconceito linguístico constitui uma manifestação da discriminação econômica e da ideologia da exclusão social e precisa ser trazido à superfície para poder ser combatido através de práticas de inclusão. Em comunidades multilíngues, por exemplo, as variedades padrão e dialetais são componentes do repertório linguístico de grande parte de seus membros e estão fortemente ligadas a identidade cultural dos alunos, cumprindo funções diferenciadas. Portanto, ambas precisam ter espaço na representação e na construção de um imaginário social mostrado nas telenovelas.

A telenovela “Flor do Caribe”: uma contextualização teórica

A telenovela “Flor do Caribe” foi produzida e exibida na Rede Globo de Televisão, no horário das 18h, entre o período de 11 de março a 13 de setembro de 2013. Totalizando 159 capítulos, a telenovela foi escrita por uma extensa equipe: Walther Negrão, o nome principal, e tendo como nomes auxiliares Suzana Pires, Alessandro Marson, Vinícius Vianna, Fausto Galvão e Júlio Fischer. Com a direção geral de Leonardo Nogueira e a direção de núcleo por Jayme Monjardim, “Flor do Caribe” teve a audiência média de 18,4 pontos de audiência: uma média não muito alta se comparada a outras telenovelas do horário (como “Cordel Encantado”, em 2011), mas também não extremamente baixa que motivasse sua finalização precoce.

A novela teve gravações realizadas, em dezembro de 2012, no Rio Grande do Norte (Praia de Pipa, Base Aérea de Natal, Forte dos Reis Magos, Dunas de Genipabu) e, em janeiro de 2013, rápidas cenas na Guatemala (especialmente nas florestas tropicais e pontos turísticos do pequeno país caribenho). Como todas as telenovelas da emissora, o restante de suas cenas foi gravado em cenários internos e cidades cenográficas criadas dentro do Projac, no Rio de Janeiro, durante o período que se manteve no ar.

O enredo era dividido em duas fases: inicia-se em 2006, com a história de Ester, uma guia turística, que vive em Vila dos Ventos, uma cidadezinha perto de Natal (RN). A protagonista é apaixonada, desde sua adolescência, por Cassiano, piloto da Força Aérea Brasileira. O personagem Alberto, amigo dos dois protagonistas, apaixona-se por Esther, arma um plano contra Cassiano e, a jovem (grávida), acaba casando-se com o vilão.

A segunda fase, depois de sete anos, traz a volta de Cassiano (dado como morto) para a cidade e sua sede de fazer justiça contra Alberto. Outros personagens e histórias paralelas dão o tom de prosseguimento da história, como a família simples de Candinho, os avós dos protagonistas, a mina de pedras preciosas, o bar da cidade, entre outros.

É interessante frisar que a perspectiva analítica da qual se lança mão neste artigo não é a de que as telenovelas são meros produtos da indústria cultural, alienantes, manipuladoras e aculturadas. O fio analítico direciona-se pela Teoria das Mediações em Martín-Barbero (2009) – que pressupõe o entendimento de que os receptores possuem meios de não apenas resistir a determinados conteúdos, como também produzir ressignificações – e da perspectiva de cultura em García Canclini (2011) e de cultura televisiva em Rincón (2007) e Fuenzalida (2007) - uma visão onde a cultura não é dividida em bases superiores ou inferiores e a ideia de que a emissão televisiva é em si uma cultura, marcada especialmente pela oralidade, que a configura como tal para além da presença de “elementos culturológicos elitistas” em sua grade.

De igual modo, analisa-se esta narrativa pelo viés dos Estudos Culturais, especificamente pelo diagrama do Circuito da Cultura (fig. 1) em Richard Johnson (2004).

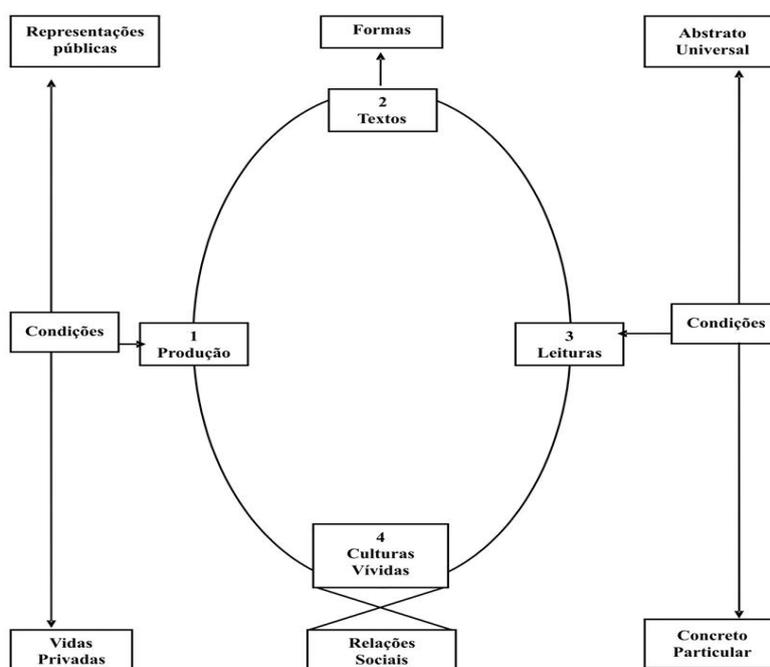


Figura 1 - Circuito da Cultura (JOHNSON, 2004, p. 35)

Discutir o percurso traçado por “Flor do Caribe” a partir do consumo e circulação cultural é um exercício não muito fácil pela ausência de um estudo de recepção que fundamente a forma como os telespectadores receberam estes usos dialetais, estereótipos e preconceito linguístico nas cenas e personagens analisados. Todavia, o que torna possível realizar tal exercício diz respeito ao plano das reflexões acerca de um gênero televisivo que segue padrões produtivos muito similares aos de outras telenovelas das 18h da mesma emissora e que segue uma espécie de roteiro que, mesmo sendo flexível, determina não só o desenrolar de sua exibição como também os caminhos percorridos pela produção na circulação cultural.

Para o teórico culturalista este diagrama consegue explicar o circuito da produção, circulação e consumo dos produtos culturais e a relação que os sujeitos possuem com estes bens midiáticos. Nele, cada quadro representa um “momento” e cada “momento” depende dos outros e é indispensável para o todo. Cada um deles, entretanto, é distinto e envolve mudanças características de forma. Segundo o autor, se estamos colocados em um ponto do circuito, não vemos, necessariamente, o que está acontecendo nos outros, já que as formas que tem mais importância para nós, em um determinado “momento”, podem parecer bastante diferentes para outras pessoas, localizadas em outro ponto. Assim, evita-se a supervalorização de determinadas fases do circuito ao tentar, como se faz aqui, trazer uma análise baseada na relatividade e na visão acadêmica, mas não absolutamente verdadeira ou única, desta ficção e seus personagens com relação ao tema do preconceito linguístico.

Análise dos personagens Cassiano e Candinho

Marcos Bagno (2006) comenta que a fala nordestina retratada nas telenovelas brasileiras, geralmente está associada a um personagem grotesco, atrasado, criado para provocar o riso e o deboche dos outros personagens e do público em geral. A fala “cantada” dos atores interpretando personagens nordestinos em novelas faz referência aos estereótipos instaurados pelos meios midiáticos. Ademais, segundo Jesus (2006), acostuma-se, nessas novelas, considerar o Nordeste como um bloco linguístico único, ignorando-se o mosaico que constitui essa região, assim como qualquer outra.

Segundo Ricardo Valladares: “A Globo começou a utilizar sotaques regionais em novelas em 1975, quando o diretor Walter Avancini contratou Lúcia Rocha, mãe do cineasta Glauber, para ensinar os personagens de *Gabriela* a falar “baianês”. E quando fez isso, “contrariou uma regra de ouro da dramaturgia: aquela que reza que sotaques falsos devem ser utilizados apenas em peças cômicas, já que soam invariavelmente ridículos”. O motivo? É que é assim desde a *commedia dell’arte* italiana, “na qual os criados falavam sempre com acento napolitano — uma brincadeira com o fato de que era do sul pobre do país que vinham os serviçais da nobreza” (VALLADARES, 1998, p. 198).

Essa atitude representa uma forma de preconceito e exclusão: o que está em jogo não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive. “Se o Nordeste é “atrasado”, “pobre”, “subdesenvolvido” ou “pitoresco”, então, “naturalmente”, as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também devem ser considerada assim” (BAGNO, 2006, p.45).

Isto fica evidente quando já numa primeira vista consegue-se “ler” o *ethos* do personagem Candinho (José Loreto) em contraposição ao do protagonista Cassiano (Henri Castelli): ambos são naturais de uma região localizada no Rio Grande do Norte, entretanto, apenas o primeiro possui um sotaque marcado pelo que se supõe ser “o nordestino”. E mais explícita fica esta relação assimétrica quando a caracterização de Candinho enquadra-se perfeitamente no papel de bufão da história, enquanto Cassiano é o herói.

Numa leitura do quadrilátero melodramático apresentado por Martín-Barbero (2009, p. 168), é possível colocar Candinho na figura do “Bobo”, Cassiano como o “Justiceiro”, Alberto como o “Traidor” e Esther como a “Vítima”. Partindo dos sentimentos básicos de medo, entusiasmo, dor e riso, estes quatro personagens formam o quadrilátero melodramático desta telenovela – produzindo, assim, um misto de quatro gêneros: o romance de ação, a epopeia, a tragédia e a comédia.

Candinho é personificação do Bobo (que mesmo estando fora da tríade dos personagens protagonistas) marca sua presença cômica (uma das matrizes culturais de nossa formação do melodrama popular) e produz “distensão e relaxamento emocional depois de um forte momento de tensão, tão necessário em um tipo de drama que mantém as sensações e os sentimentos quase sempre no limite”, como comenta Martín-Barbero (2009, p. 170). E Cassiano, a personificação do Justiceiro, “é o personagem que, no último momento, salva a Vítima e castiga o Traidor”. É dele a função de, no desenrolar da trama, mostrar os enganos, entregar a todos a terrível face do vilão e permitir que a “verdade resplandeça” (idem).

No site da telenovela a descrição para Candinho aproxima-se muito da fala de Bagno quando da construção grotesca de personagens nordestinos: ele é “aluado” por ter sofrido um acidente quando pequeno, fala muito alto, tem a expressão muito histriônica, com a boca sempre entreaberta, olhos arregalados, cabelos desgrenhados, andar desajeitado e a presença constante de uma pitoresca cabra que o acompanha para todos os lados. Como coloca uma crítica de um jornalista potiguar: “Numa espécie de mistura de Tonho da Lua (Mulheres de Areia) e Chicó (Auto da Compadecida), o personagem de José Loreto reanima no imaginário social muitos dos estereótipos consagrados do ser nordestino” (FREIRE, 2013). Em vários momentos o personagem representa o nordestino com a ideia do arcaico, do animalesco e do não-civilizado. Já Cassiano é bem-vestido, fala dentro da norma culta da língua, tem gestos calmos, voz mansa e apresenta-se sempre muito comedido: seguindo a visão de nordestino que é passada pela trama, Cassiano apenas “nasceu ali”, mas em nada se compara com os “nativos”.

As cenas analisadas estão disponíveis no site da telenovela e foram escolhidas por mostrar os dois personagens em momentos relacionais (em contraposições que denotam os conceitos de usos dialetais e preconceito linguístico por construções estereotipadas) e por uma coerência narrativa temática, a saber: A) “Cassiano pede para Candinho mostrar onde achou a pedra” – 03’05” (14/05/2013)⁴ e B) “Veridiana deixa Candinho viajar com Cassiano” – 04’41” (28/05/2013)⁵ e C) “Cassiano entrega à família de Candinho uma parte das pedras retiradas da mina” - 03’50” (13/09/2013)⁶.

Filho de Chico e Olívia, Cassiano é um homem correto, de origem humilde (mas não tanto como Candinho) e de personalidade forte. Cassiano é exceção quando se tem consciência de que na ficção dramatúrgica televisiva brasileira os nordestinos, geralmente, são personagens cômicos, responsáveis por dar um toque menos sério e grave ao roteiro. No entanto, Cassiano assume, em “Flor do Caribe”, o papel de protagonista, envolto em uma trama de suspense, mistério e sofrimento. Cassiano possui, ainda, uma ocupação socialmente valorizada, o que é incomum em novelas brasileiras, pois como afirma Freire (2013) os nordestinos compõem os papéis de ocupações subalternas e socialmente desvalorizadas, ligadas, sobretudo, ao trabalho manual e precarizado.

Uma breve análise dos usos linguísticos do personagem revela que este faz uso de uma linguagem “pura”, sem sotaque ou expressões e variações dialetais características daquela região. Isto é, Cassiano utiliza uma linguagem muito próxima da escrita e da Gramática tradicional.

Na cena Cassiano questiona Candinho sobre o lugar em que encontrou uma pedra preciosa, fica clara a evidência de estereótipos linguísticos em relação à fala nordestina.

[Cassiano] - Ô Candinho, tudo bem?

[Candinho] - Cassiãno...

Já no início da interação entre os dois personagens nota-se uma diferença significativa da fonética e dos sotaques. Cassiano pronuncia o nome de Candinho sem demonstrar sotaques, ou alguma entonação de voz característica da fala nordestina, enquanto Candinho pronuncia abertamente a vogal “a”, como se houvesse um acento til (“Cassiãno”). A pronúncia aberta de determinadas vogais representa uma característica do dialeto baiano, conforme afirma Nelly Carvalho (2005).

[Cassiano] - Candinho, eu queria te pedir desculpas porque eu não trouxe o cincerro da Ariana antes. Depois daquela noite que eu peguei empresta-

4 Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/flor-do-caribe/v/cassiano-pede-para-candinho-mostrar-onde-achou-a-pedra/2573907/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

5 Disponível em: <<http://globoTV.globo.com/rede-globo/flor-do-caribe/v/veridiana-deixa-candinho-viajar-com-cassiano/2601206/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

6 Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/flor-do-caribe/videos/t/cenas/v/cassiano-entrega-a-familia-de-candinho-uma-parte-das-pedras-retiradas-da-mina/2822976/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

do com você me aconteceu tanta coisa...

[Candinho] - Se abeste não, Cassiano. Eu já lhe disse que Ariana tem outro cincerro pra usá. Ó se tu quisé, tu pode ficá com esse de lembrança pra você. Ariana vai se importa não. Né Ariana?

[Cassiano] - Muito obrigado Candinho, mas o cincerro é seu. Quer dizer... da Ariana. Mas eu queria te pedir uma coisa. Você vai me prometer que você vai tomar muito cuidado com esse cincerro, porque ele é muito especial.

[Candinho] - Ai e não é “memo”?! O tilintin dele é bunito por demais ‘néra’. Só vou deixá ela usá quando for dia de festa.

Fica evidente observando a interação acima que as telenovelas repassam a vaga idéia de que no Nordeste o “não” vem sempre depois do verbo. Neste caso, Candinho diz: “Se abeste não, Cassiano”. Expressões como essas repassam a ideia de um falar “errado”, no entanto o que não se explica é que o advérbio “não” não se pospõe simplesmente ao verbo. O que ocorre é o redobro do “não”, comum em todas as regiões do país (*Não posso, não*), seguido do apagamento do primeiro “não”. Portanto, é pouco provável ouvir um “não” posposto ao verbo que não esteja em posição final na oração. Uma frase como “hoje vou não à farmácia porque está chovendo” é bem improvável em qualquer região do Brasil, inclusive no Nordeste.

Candinho também utiliza o verbo “abeste”, que provém do adjetivo “abestado”, e que significa tolo, bobo, otário; e “memo” no lugar da palavra “mesmo”. Essa é uma das diversas expressões e termos típicos do dialeto cearense. Cassiano, no entanto, não faz uso de nenhum termo ou expressão dialetal, como se utilizasse uma língua “pura”, ou então, como se não pertencesse àquela região.

Em diversas situações, o “r” de Candinho parece ser surdo (/h/) (*usá, quisé*) essa seria uma característica compartilhada entre os dialetos da costa norte, baiano e recifense. Cassiano, no entanto, não deixa de pronunciar o “r” das palavras.

Pode-se perceber ainda que Candinho usa o pronome de segunda pessoa “tu”, ao lado do pronome “você”, uso típico da fala de cearenses. O uso de um ou outro pronome está relacionado, no Ceará, ao nível de intimidade entre os interlocutores. Entretanto, Cassiano utiliza apenas o pronome “você”, representando o que ocorre no Rio de Janeiro, por exemplo, onde há sempre uma concordância entre “tu” e “você” e suas formas oblíquas e possessivas.

[Cassiano] - Candinho, me fala uma coisa. Essa pedrinha que você ta usando como badalo, você encontrou ela aonde?

[Candinho] - Huum. Oxe, acho que foi num lugar de muita lonjura. Pra lá da Calcanhar de Judas, é.

[Cassiano] - Que lugar é esse?

[Candinho] - O lugar onde encontrei Ariana, depois que a fujona resolveu fugir no mundo, não sabe?! E eu só cheguei depois de andá muitas léguas e mais léguas, de sol a sol, de lua a lua.

Neste momento, Candinho utiliza uma interjeição muito popular da fala nordestina, o termo “oxe”. A palavra “oxe” (diminutivo de “oxente”) tem seu significado proveniente de “ó gente”, e expressa uma sensação de estranheza. O personagem também pronuncia abertamente as vogais “e” e “o” quando fazem parte de sílabas átonas, como em “fujona”, característica que não pode ser percebida na fala de Cassiano.

Outra distinção linguística a ser destacada é a velocidade da fala dos personagens. Candinho fala rapidamente e até contrai algumas palavras, como “*oxe acho*”, enquanto Cassiano pronuncia as palavras separadamente, em uma velocidade não característica da fala nordestina.

Na segunda cena analisada, em que Veridiana (Laura Cardoso) deixa Candinho viajar com Cassiano, nota-se, novamente, a presença de algumas características já analisadas na cena anterior.

[Candinho] - Hei. Não se meta Ariana, que a prosa é comigo. É claro que eu lembro Cassiano, uma pedrinha brilhosa que tu pediu pra eu cuidar bem cuidado pra não perder, “néra”?!

[Cassiano] - Foi.

(...)

[Cassiano] - Será que você pode me levar até lá?

[Candinho] - Por mim eu posso, e posso e muito. Mas antes eu tenho que pedir permissão a “vóinha”. Eu não sei se ela vai permiti.

(...)

[Candinho] - Se a gente for de ônibus, eu deixo tu sentar na janelinha, visse?!

Candinho volta a contrair algumas palavras. Nesta cena, ao invés de dizer “não era?”, o personagem substitui pela expressão “néra?”; assim como substitui a expressão “ouviste?” para “visse” e como na cena anterior, Cassiano não utiliza de nenhuma expressão nordestina ou contração de palavras. O personagem interpretado por José Loreto utiliza a expressão “vóinha” para se referir a sua avó, a utilização do “inha” ou “inho” quando se refere a familiares como mãe – “mainha” ou pai – “painho” é uma das características do dialeto baiano.

Algumas expressões utilizadas pelo personagem Candinho não representam os usos dialetais de Rio Grande do Norte, mas de outras regiões do Nordeste: e aqui o Nordeste parece ser considerado um bloco linguístico único.

Na terceira e última cena analisada, outras construções e expressões encontradas revelam a construção de um estereótipo linguístico.

(...)

[Cassiano] - Bom, como foi graças ao Candinho, eu e o Duque descobrimos que nessa mina tem uma jazida dessas pedras, eu to aqui..

[Candinho] – A primeira pedrinha azul dessa aí, quem encontro fui eu mais Ariana, é. Foi quando ela se resolveu se esconder dentro da mina, não foi?! Foi.

O “mais” substitui “com” no sentido de companhia, na fala nordestina, como no exemplo de Candinho: “eu mais Ariana”. No entanto, o interessante é perceber que Cassiano constrói praticamente a mesma frase, sem a utilização do “mais”, quando diz: “eu e o Duque descobrimos...”. Ou seja, novamente percebe-se que Cassiano, fazendo parte do mesmo contexto de Candinho, não utiliza de dialetos e sotaques, como se ele se utilizasse de uma língua “legítima”.

Considerações finais

É verdade que a mídia utiliza as falas dialetais como um jogo de persuasão mais efetivo a fim de atingir determinados segmentos sociais. No entanto, assim como a sociedade pode considerar natural ouvir determinada fala dialetal nos meios de comunicação, nos parece que a escola, por exemplo, não consegue ou não quer perceber a profundidade da dimensão pedagógica que estas manifestações languageiras poderiam representar na autoestima dos alunos se estas fossem recuperadas como material de reflexão crítica sobre, por exemplo, a identidade cultural ou a historicidade das comunidades. Isto significa que na escola ainda impera uma concepção de linguagem como expressão linguística homogênea a partir do ponto de vista do centro, do meio urbano ou da elite.

Assim, a língua é concebida sob duas maneiras distintas: a do linguista e a do gramático. O linguista considera a língua um fenômeno dinâmico e que muda com o tempo, não tem o papel de taxar de erro, mas de descrever as variantes. Para ele não existe o “certo” e o “errado”, a gramaticalidade explica a ocorrência. Já o gramático, admite só uma forma de língua “correta”, que é aquela que obedece as regras da Gramática Normativa. O gramático, do ponto de vista normativo, concebe a língua como um objeto descontextualizado, inerte, congelado.

As variedades linguísticas são inerentes a todas as línguas do mundo. A variedade padrão é estabelecida a partir de uma opção política, isto é, a partir de quem detém o poder (BAGNO, 2006). Desta forma, os preconceitos impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo.

A análise de Cassiano e Candinho mostra o quanto isso é reproduzido na telenovela “Flor do Caribe”. O inusitado é que essa mesma mídia que por hora mantém esse preconceito com as falas dialetais, acaba veiculando em seu espaço essas variações. Mesmo muitas vezes indo contra os usos dialetais, os meios de comunicação se veem utilizando-os nos seus programas ou em suas programações. Dessa forma, ao mes-

mo tempo em que incorpora sua prática diária uma forma linguística que garanta a comunicação e a audiência, a mídia, paradoxalmente, mantém um nível doutrinário, a defesa de um português puro e “correto”, mostrando certo preconceito com as variedades linguísticas populares.

Referências

- BAGNO, M. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** 47. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- CARVALHO, N. **O falar do Nordeste.** Universia. (2005). Disponível em: <<http://noticias.universia.com.br/ciencia-tecnologia/noticia/2005/09/16/462323/falar-do-nordeste.html>>. Acesso em: 10 fev. 2014.
- CROCHÍK, J. L. **Preconceito, indivíduo e sociedade.** Campinas: Sociedade Brasileira de Psicologia. 1996.
- FARACO, C. A.; TEZZA, C. **Prática de texto para estudantes universitários.** 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- FREIRE, A. **O nordestino na Globo: novos personagens, velhos estereótipos.** Carta Potiguar (2013). Disponível em: <<http://www.cartapotiguar.com.br/2013/04/11/o-nordestino-na-globo-novos-personagens-velhos-esteriotipos/>>. Acesso em: 10 de fev. 2014.
- FUENZALIDA, V. Audiencias televisivas y consumo cultural. In: PIRARD, Eduardo C.; RAMPAPHORN, Nancy. **Televisión y cultura, una relación posible.** Santiago: Lom Ediciones/Consejo Nacional de la Cultura y las Artes, 2007.
- GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2011.
- JESUS, E. T. **O Nordeste na mídia e os estereótipos lingüísticos: estudo do imperativo na novela Senhora do Destino.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2006.
- JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, T. (trad./org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** (Trad. Ronald Polito; Sérgio Alcides). 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MATOS, P. T.; SANTOS, R. T. **Implicações de uma análise lingüística variacionista a partir de uma perspectiva discursivo-pragmática: um estudo inicial sobre o futuro do português brasileiro.** Juiz de Fora, Revista Gatilhos, 2010.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

RINCÓN, O. Televisión e identidades: hacia una construcción (+) diversa de la realidad. In: PIRARD, Eduardo C.; RAMPAPHORN, Nancy. **Televisión y cultura, una relación possible**. Santiago: Lom Ediciones/Consejo Nacional de la Cultura y las Artes, 2007.

SCHNEIDER, M. N. **Variação e discriminação lingüística no ensino e aprendizagem de línguas em comunidades bilíngües**. Porto Alegre: Calidoscópico, 2009.

STEINBERG, C. S. A estrutura e o desenvolvimento da comunicação de massa. In: STEINBERG, C. S. (Org.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1972.

TESCHE, A. A construção do texto narrativo em *Terra Nostra*. In: TESCHE, A. et. al. **Mídias e processos de significação**. Porto Alegre: Unisinos, 2000.

VALLADARES, R. Jerimum tresandado: Por que é ridículo o sotaque dos atores da Globo que interpretam personagens nordestinos? **Veja**, São Paulo, ano 31, n. 45, ed. 1572, p. 198, 11 nov. 1998.